

## Lagarto

O rosto arde contra a água gelada. Lagarto permite que ela escorra por seus braços e pescoço. Sofre por escolha.

As lembranças sugerem-se sólidas, imediatas, intensas. São acusações fundamentadas sobre atos impensados, inexplicáveis; visões que preenchem com ausência e culpa.

Através do espelho do armário, observa a porta do banheiro oscilar às suas costas, embalada pela corrente de ar frio. Um sabiá anuncia o alvorecer.

Está preso. Preso em um agora sem sentido, cuja carência de anseios impede qualquer movimento.

Está preso em memórias de sete horas antes, quando capturou e torturou um homem, a quem, neste momento, já não tem direito de acusar.

Está preso na tentativa de assalto, duas noites antes, quando presenciou a morte do irmão, sua única família.

Uma vida. Três fluxos. Nenhum destino.

*Lagarto abriu a porta da quitinete e atirou o homem desacordado ao chão, que desabou como um tapete amarrado.*

*Derrubou o molho de chaves, tropeçou em uma cadeira e bateu o joelho contra a cama.*

*Massageou-o, rangendo os dentes. Chaveou a porta, agressivo, e sentou-se na cama, tremendo, com as mãos cruzadas. Mal passava da meia-noite.*

*Vislumbrou um retrato do irmão – os dois abraçados, sorrindo –, depois mirou o carpete puido entre os pés. Permaneceu assim por alguns minutos.*

*Inspirou. Esfregou o rosto e virou-se para o homem.*

Está só ante o espelho. Os olhos sombreados pela frente; a boca a comprimir-se, involuntária e

4

carrancuda, moldada por vincos que se contraem em espasmos. A pele reluz como se as gotículas fossem grãos de areia surgindo de seus poros. Por um instante, dedica-se a mapear os pontos brilhantes. Em suas roupas, há respingos escuros. Sangue do outro.

Há duas noites, na fábrica de calçados, o irmão consumia marmita fria em um pote de plástico, um olho na televisão, o outro nos monitores de imagem, como se os dias de uma vida fossem todos iguais. Conversavam à distância, enquanto Lagarto subia à sala do gerente, um mezanino no fundo do pavilhão, para instalar a câmera oculta.

Como fora idiota.

As mãos descansam sobre a pia, pequenas e pálidas. A água flui por entre os dedos insensíveis.

*"O caralho que não sabe de nada, o caralho! Eu vi vocês entrando. Eu vi. O gordo e o outro, da vizinha fina, foram no caixa-eletrônico. E você veio depois. Eu vi quando você jogou...", perdeu a voz por um instante. "Jogou o mano no chão. E chutou ele, sem motivo. Não tinha por quê. Ele tava parado. Ele colaborou. Ele era uma ótima pessoa, não tinha por que fazer isso com ele."*

*Deitado, com os pulsos amarrados às costas e os pés igualmente atados, o suspeito respondeu que não sabia de assalto nenhum, que não conhecia nenhuma fábrica.*

*"E eu, então, vou confundir essas trancinhas? Essa tatuagem escrota na cara?"*

*Lagarto segurou-o pela camisa. O homem debatia-se. O impacto foi amortecido pelo inchaço do rosto; o som, abafado.*

*Lagarto, ofegante, atirou-o novamente ao chão. O outro, com uma voz baixa e lamentosa, jurava inocência.*

*"Para de mentir, porra! Eu tava lá. Eu vi, imbecil, eu vi!", insistiu, com as duas mãos na cabeça.*

*Andava de um lado para o outro.*

*"Se você não falar", fez uma pausa, titubeando. "Se você não falar, eu vou ter que te obrigar. Você não vai sair daqui sem falar tudo. Tudo, entendeu?"*

*Ante o silêncio, deu dois passos para trás.*

Observa a umidade acumulada nos ladrilhos da parede. As gotículas unidas formam desenhos. Não há nada especial. Não há sentido em observá-los. Não há sentido em afastar-se da pia, em mover um músculo ou tomar qualquer providência.

Os pensamentos são como os tiros na fábrica, cruzando sem cuidado em direção a alvos incertos. Arrependia-se de ter-se importado pouco com a trajetória dos disparos, mais interessado na própria proteção do que na morte daqueles canalhas. O problema é que fora visto, como haveria de não disparar contra eles, enquanto gritavam e apontavam? Qualquer um teria feito o mesmo. Quando percebeu que fugiam, entretanto, não deveria ter sido tão lento em levantar a cabeça, em abrir a porta, não deveria ter parado para discar 1-9-0. Deveria ter sido rápido. Soube disso, naquela noite, quando avistou o braço. Abandonou o celular, a arma e os equipamentos, só queria correr. Desceu a escada de ferro pulando degraus, ignorando o barulho e o perigo de uma emboscada. Ultrapassou as pilhas de caixas e meteu-se entre as mesas de trabalho, derrubando moldes e ferramentas. Enquanto corria, observava os dedos rijos sobre a poça de sangue, temendo que assim ficariam em definitivo. Dedos que não poderiam mais tomar a mão das filhas e da esposa, que não poderiam erguer os espelhos nos churrascos de domingo, nem segurar os copos de cerveja; dedos para sempre impedidos de lhe serem estendidos, como tantas vezes haviam sido.

5

*Lagarto contornou a cama em direção ao armário na parede oposta e abriu a gaveta de talheres. Avaliou o conteúdo por alguns segundos, roçando os dedos uns nos outros. Parou por um instante. Fechou a gaveta, arrastou uma cadeira e bateu por sobre o topo do armário, quase no teto, derrubando embalagens de presente e outros objetos de papelaria. Puxou, de lá, o alicate.*

*Virou o homem de bruços, expondo as mãos. O outro cerrou os punhos, protegendo os dedos, mas Lagarto pinçou o polegar e começou a torcê-lo. O suspeito gritou. Pediu que parasse, que parasse por favor, mas Lagarto não respondeu. O outro girou o corpo com violência, derrubando o agressor, que respondeu com palavrões.*

Relembrando as últimas horas, percebe que se valera de uma falsa esperança, uma impressão de que o sofrimento cessaria se pudesse transferir a culpa, se pudesse vingar-se. O irmão cruzaria a porta de entrada, sorrindo mais uma vez, e o abraçaria com força, gordo e vermelho, como só ele sabia ser. Marcariam um churrasco para o domingo seguinte. O irmão pagaria. Fingiriam que seria só daquela vez, que Lagarto compensaria na próxima. Então sairiam do apartamento abraçados, como sempre faziam.

*Lagarto levantou-se e chutou o homem na barriga; a cama deslocou-se com ele.*

*"É engraçado chutar os outros, né?"*

*O homem gritou e dobrou-se, espremendo os olhos. Dizia-se inocente mais uma vez.*

*Lagarto chutou-o novamente, repetidas vezes. Quando terminou, virou o homem de barriga contra o chão, agora sem resistência.*

*Apanhou a ferramenta. O outro debateu-se, débil. Lagarto golpeou-o três vezes na cabeça, fazendo surgir filetes de sangue em meio às tranças. Virou-o com brutalidade, colheu novamente o polegar e recomeçou a torcê-lo. Ouviu-se estalos. O homem pediu que parasse, prometeu que contaria tudo, desde que parasse. Lagarto ignorou-o por alguns instantes. Depois relaxou a torção, mas manteve o polegar pinçado.*

*"Quem de vocês que atirou no meu irmão?"*

*O homem hesitava.*

*"Foi você, não foi? Monte de merda."*

*Ele pediu perdão e iniciou um relato confuso, quase incompreensível. Disse que não esperavam problemas, que já haviam roubado outras fábricas da região, somente aquelas que não mantinham guardas armados. Disse que nunca mataram ninguém, que só responderam aos disparos, que só atiraram para cima.*

*"Como, só pra cima?"*

*Insistiu que não tinham motivos para matar o vigia e que estavam mal preparados, que não esperavam resistência.*

*Lagarto acompanhava a narrativa, meneando a cabeça em negação, revendo cada passo, cada instante.*

*"Mentira, porra. E eu não vi o meu irmão morto? Tô louco, então? Conta essa história direito, caralho."*

Ergue o rosto. É difícil.

Afasta a mecha de cabelo que lhe cai sobre os olhos, inconformado por ser ele a sentir os dedos roçando a testa, e não o irmão. Trocaria de lugar com ele se pudesse.

Mas não pode.

6

Lágrimas surgem. Lembra-se de quando correu em socorro: o pescoço virado, o buraco na nuca, os furos na guarita. Como não percebera?

Balança a cabeça afastando as memórias, implorando por uma chance. Mas não há mais ninguém ali – o homem foi liberto há muito tempo.

Permite-se apenas sussurrar "perdão", diante de ninguém menos do que o assassino, que lhe devolve a súplica através do espelho.